

EDITORIAL

Festejo Tupiniquim celebra os 25 anos da *Mostra de Cinema Curta Circuito*, que há um quarto de século exhibe e valoriza o cinema brasileiro nas telas do Cine Humberto Mauro, em Belo Horizonte.

Nesta edição especial, revisitamos curtas e longas-metragens emblemáticos que marcaram nossa trajetória e o imaginário audiovisual do país: os curtas *Palíndromo*, *Porto de Santos*, *Na sua Companhia*, *Vala Comum*, *Juvenília*, *Os Sapatos de Aristeu*, *As Aventuras de Paulo Bruscky*, *O Sanduíche* e *O Duplo*, e os longas *Simonal: Ninguém Sabe o Duro que Dei*, *Ato de Violência*, *Ladrões de Cinema*, *Espelho de Carne* e *Eros, o Deus do Amor*.

Obras que refletem diferentes tempos, estéticas e urgências, reafirmando o cinema como ferramenta de memória, resistência e invenção. Este festejo é também um agradecimento a todos que mantêm acesa a chama da nossa cinematografia.

Daniela Fernandes
DIRETORA MOSTRA CURTA CIRCUITO





**SESSÕES
DE CURTAS**

+

**ATIVIDADE
PARALELA**

17h

CLÁSSICOS BR: VER (E REVER) OS CLÁSSICOS

Nesta programação, o termo “Clássico” é tomado como sinônimo de “incontornável”, no caso, obra crucial para entender o cinema brasileiro em curta-metragem nos últimos anos. Os três filmes aqui reunidos, cada um a seu momento, marcaram a história do cinema brasileiro: “Palíndromo”, de Phillippe Barcinski, é representante da geração da virada de milênio, conjugando o retrato de um país urbanizado e caótico com narrativa inovadora. Já “Na sua companhia”, de Marcelo Caetano, integra a geração pós 2010, mostrando um Brasil integrado ao mundo do consumo, em que a fatia não nobre da população tem acesso a câmeras e pode exprimir seus desejos para além do preconceito. “Porto de Santos”, de Aloysio Raulino, dos anos 1970, encarna como poucos o olhar documental brasileiro: sempre junto de seus personagens, entre o retrato e a dança.



Palíndromo Phillippe Barcinski, SP, 2001, 11'

Em um único dia um homem perde tudo que tem. É despedido do emprego, traído pelos colegas, expulso do hotel e desprezado por uma antiga namorada. É uma história comum contada de uma forma extraordinária.

Porto de Santos Aloysio Raulino, SP, 1978, 18'

O maior porto da América Latina é retratado através de seus doqueiros, marinheiros e prostitutas, e também dos navios, sons e cores que constituem sua paisagem.

Na Sua Companhia Marcelo Caetano, SP, 2011, 21'

A noite e a solidão estão cheias do diabo. Aí vem você e a agridoce vida.

17h

PANORAMAS: BRASIL, PÁTRIA VIOLENTA

Para além do mito (ou caricatura) da cordialidade brasileira, somos um país violento, fato verificável em nossa história e cotidiano. Num país marcado pelo conflito violento, a representação da violência é tema frequente e importante em seu cinema. Aqui estão reunidos três curtas que se lançaram a tal exercício: "Vala Comum", de João Godoy, que trata da ainda viva ferida deixada pela violência do regime militar brasileiro (1964-1988); "Juvenília", de Paulo Sacramento, retrata a cruel curiosidade da juventude, e "Sapato de Aristeu", de Luiz René Guerra, nos oferece a possível resistência para a violência no país que mais mata pessoas trans no mundo: reconhecer o direito de que todos e todas escolham a própria identidade, da vida à morte.



Vala Comum João Godoy, SP, 1994, 30'

A partir de uma vala comum clandestina encontrada no Cemitério de Perus (SP), um passado mantido oculto emerge para exumar uma parte da história recente do país.

Juvenília Paulo Sacramento, SP, 1994, 7'

Um grupo de jovens munidos de ferramentas, pedras e pedaços de pau. Uma sequência de fotos em preto-e-branco.

Os Sapatos de Aristeu

Luiz René Guerra, SP, 2008, 17'

O corpo de uma travesti morta é preparado por outras travestis para o velório. A família, após receber o corpo, decide enterrá-lo como homem. Uma procissão de travestis então se encaminha para o velório para dizer adeus. Os sapatos são calçados. A morte é apenas uma janela.



TRANSVERSAIS: A MISTERIOSA MAGIA DO CINEMA

Fundado na mais perfeita imitação da realidade (a indicialidade fotográfica e a reprodução do movimento), o cinema se perturba pelo misterioso, pelo desconhecido e pelo irreal. Nesta programação, estão reunidos filmes que se dedicaram a contar histórias que desafiam a definição de realidade: "O Duplo", de Juliana Rojas, thriller sobre a fundamental obsessão fantasmática, representa os gêneros do suspense e terror, formas tradicionais do cinema em representar o lado oculto da existência. "As Aventuras de Paulo Bruscky", de Gabriel Mascaro, desafia a própria definição do gênero cinematográfico dedicado à realidade, o documentário, ao mesclá-lo com a linguagem do videogame; Já "O Sanduíche", de Jorge Furtado, nos relembra que a magia maior do cinema é fazer-se enquanto linguagem e representação.



As Aventuras de Paulo Bruscky

Gabriel Mascaro, PE, 2010, 19'

O artista Paulo Bruscky entra na plataforma de relacionamento virtual Second Life, conhece um ex-diretor de cinema, Gabriel Mascaro. Paulo encomenda a Gabriel um registro machinima em formato de documentário de suas aventuras no Second Life.



O Sanduíche

Jorge Furtado, RS, 2000, 13'

Os últimos momentos de um casal: a hora da separação. Mas o fim de alguma coisa pode ser o começo de outra. Outro casal, os primeiros momentos: a hora da descoberta. Encontros, separações e um sanduíche. No cinema, o sabor está nos olhos de quem vê.



O Duplo

Juliana Rojas, SP, 2012, 25'

Silvia é uma jovem professora. Certo dia, sua aula é interrompida quando os alunos veem seu duplo pela janela. Ela tenta ignorar a aparição, mas o evento perturbador passa a impregnar seu cotidiano e alterar sua personalidade.

BATE-PAPO

REDESCOBRINDO WALTER HUGO KHOURI

Neste bate-papo, o escritor e pesquisador Donny Correia faz um panorama de seu novo livro, "O cinema de Walter Hugo Khouri" (Cosac, 2025), estudo desenvolvido a partir de fontes primárias, ao longo de seis anos, e mais completo inventário sobre a obra de um dos cineastas mais importantes do cinema brasileiro. A edição busca resgatar e discutir a excelência estética e narrativa de Khouri, além de lançar novas propostas para a historiografia do cinema nacional

LANÇAMENTO DO LIVRO

O CINEMA DE WALTER HUGO KHOURI

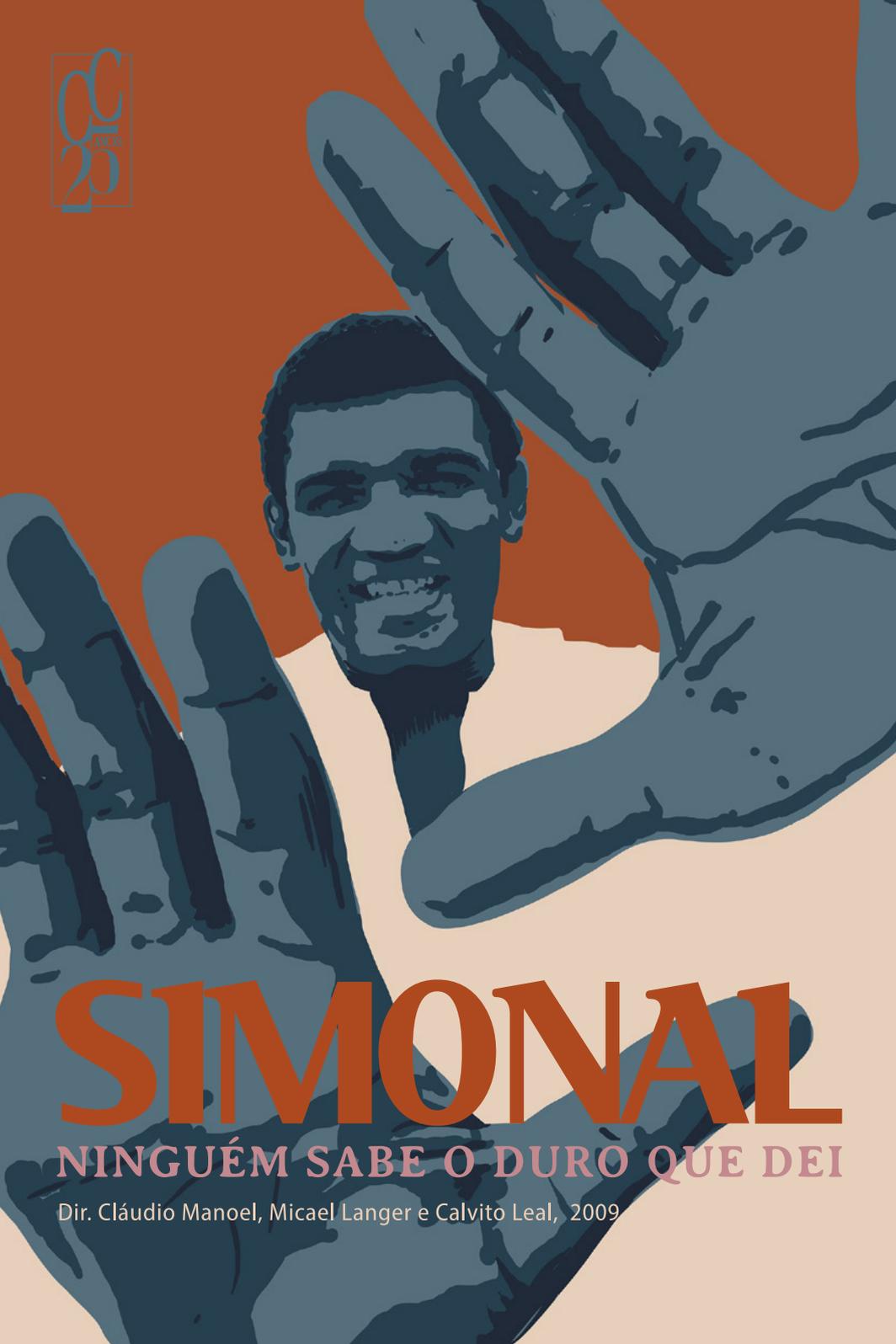
(COSAC, 2025)

O cinema de Walter Hugo Khouri representa o primeiro estudo crítico completo sobre a obra do cineasta paulista Walter Hugo Khouri (1929–2003). O livro inclui filmografia detalhada com fichas técnicas, sinopses, reproduções de pôsteres e dezenas de fotogramas. A partir das memórias do autor sobre seu primeiro contato com o cinema de Khouri, em "sessões especiais" nas madrugadas da televisão, a obra traça uma narrativa de fascínio pelo diretor e por seu universo ao mesmo tempo mundano e metafísico. São analisados desde os primeiros filmes, nos anos 1950, que transitavam entre o noir e o aventureiro, até a maturidade polêmica do diretor, cujas obras denunciavam a hipocrisia da elite paulistana. A chamada Trilogia Cinza, produzida nos anos 1960 e que inclui o premiado e cultuado Noite vazia (1964), recebe destaque especial, com fotos de cena inéditas desse e de outros filmes. Prefácio de Inácio Araújo.

Donny Correia é mestre e doutor em Estética e História da Arte pela USP, poeta e escritor, além de pesquisador especialista em história do cinema brasileiro. É autor de dez livros, entre poesia e ensaios sobre arte e cinema, e professor do Centro Universitário Belas Artes, em São Paulo. Cria conteúdos sobre arte, cinema e psicanálise em seu canal do Youtube "Uma teia de ideias".



SESSÕES DE LONGAS



SIMONAL

NINGUÉM SABE O DURO QUE DEI

Dir. Cláudio Manoel, Micael Langer e Calvito Leal, 2009

11/11/2025, às 19h
EXIBIÇÃO DO LONGA

SIMONAL

NINGUÉM SABE O DURO QUE DEI

Dir. Cláudio Manoel, Micael Langer e Calvito Leal, 2009, 84 min.

“Simonal - Ninguém sabe o duro que dei” traça a trajetória impressionante do ex-cabo de exército, que reinou soberano e acabou condenado ao ostracismo por um delito que jurava inocência. Através de depoimentos de amigos, inimigos e, principalmente, de imagens das exuberantes performances do grande artista, o filme mostra também as respostas que nunca apareceram. Simonal era informante da ditadura? Era favorável aos militantes? Ou seu maior crime foi ser negro, milionário, símbolo sexual num país e numa época em que existia muito racismo?

**Bate-papo após a sessão com o diretor
Cláudio Manoel e a jornalista Flávia Moreira.**



LADRÕES DE CINEMA

Dir. Fernando Coni Campos, 1977

12/11/2025, às 19h
EXIBIÇÃO DO LONGA

LADRÕES DE CINEMA

Dir. Fernando Coni Campos, 1977, 127 min

Durante o Carnaval, no Rio de Janeiro, uma equipe de cineastas norte-americanos tem seu material de filmagem roubado no bloco que eles estavam documentando. Os ladrões, do morro do Pavãozinho, resolvem eles mesmos fazer um filme, tendo a Inconfidência Mineira como tema. A população da comunidade adere à ideia com o mesmo espírito da preparação de uma escola de samba.

**Bate-papo após a sessão com o filho do diretor,
o músico Rubinho Jacobina, e o crítico Ewerton Belico.**



ATO DE VIOLÊNCIA

Dir. Eduardo Escorel, 1980

13/11/2025, às 19h
EXIBIÇÃO DO LONGA

ATO DE VIOLÊNCIA

Dir. Eduardo Escorel, 1980, 112 min

Em liberdade condicional, após ter cumprido um terço da pena a que fora condenado, Antonio volta a cometer um crime quase idêntico ao primeiro: em um pequeno apartamento, no centro de São Paulo, estrangula e esquarteja uma mulher.

Preso em Caxias, após quinze dias de fuga, Antonio admite ter cometido o crime, assim como fizera da primeira vez, mas não dá nenhum motivo para seu ato.

**Bate-papo após a sessão com o diretor
Eduardo Escorel e a pesquisadora Cláudia Mesquita.**

CC
ANOS
25



ESPELHO DE CARNE

Dir. Antonio Carlos da Fontoura, 1984

14/11/2025, às 19h
EXIBIÇÃO DO LONGA

ESPELHO DE CARNE

Dir. Antonio Carlos da Fontoura, 1984, 102 min

Para decorar seu novo apartamento o executivo Álvaro Cardoso compra em um leilão o espelho de cristal que decorava o quarto principal de um antigo bordel, o Palácio dos Prazeres de Madame Solange. Assim que é instalado no luxuoso apartamento, o espelho passa a emanar um estranho poder, que envolve o executivo, sua esposa, um casal de amigos, a vizinha desquitada e até mesmo a empregada, num frenesi erótico que rompe com todas as barreiras morais e psicológicas desses personagens. O espelho exerce seus estranhos poderes, até que o prazer torna-se horror: o espelho revela-se possuidor de algo demoníaco.

Bate-papo após a sessão com o diretor Antônio Carlos da Fontoura e o programador Samuel Marotta.



EROS, O DEUS DO AMOR

Dir. Walter Hugo Khouri, 1981

15/11/2025, às 16h
EXIBIÇÃO DO LONGA

EROS, O DEUS DO AMOR

Dir. Walter Hugo Khouri, 1981, 115 min

Marcelo Rondi, um rico empresário paulistano, dedica sua vida à busca de uma transcendência que o eleve a um plano acima das mediócras obrigações e aparências da vida cotidiana de um ser abastado: o sexo.

**Bate-papo após a sessão com a atriz
Nicole Puzzi e o crítico Donny Correia.**

REALIZAÇÃO

Le Petit

DIREÇÃO

Daniela Fernandes

PRODUÇÃO EXECUTIVA

Cláudio Constantino

CURADORIA CURTAS

Afonso Uchoa

CURADORIA LONGAS

Daniela Fernandes

Cláudio Constantino

Vinícius Correia

PRODUÇÃO

Vinícius Correia

ELABORAÇÃO DO PROJETO

Cláudio Constantino

Mascote Ass. e Cons. Empr.

RECEPTIVO

Juliano Ito

PROJEÇÃO DIGITAL

FRAMES

DESIGN e ILUSTRAÇÃO

Paulo Marcelo OZ

WEBSITE

Marcelo Saldanha

Daniel de Carvalho

Thiago Oliveira

REGISTRO VIDEOGRÁFICO

Rodrigo James

Artur Coelho Satuf Rezende

VINHETA

Canacaiana

COMUNICAÇÃO

IMPRENSA Bárbara Prado

REDES SOCIAIS Rodrigo Valente (DOIZUM)

FOTOGRAFIA Valeria Gonçalves

VÍDEOS E MAKING OF Rodrigo James

Cotonísio Comunicação

MIMOS LE PETIT

CONCEPÇÃO Daniela Fernandes

ILUSTRAÇÃO Paulo Marcelo OZ

EXECUÇÃO Janaina Ianomani

Daniela Fernandes

Dbnho Saboaria

CENÁRIO

Bárbara Schall

PATROCÍNIO



APOIO



APOIO



CULTURA E TURISMO



PARCERIA



APOIO CULTURAL



CORREALIZAÇÃO

MASCOTE

REALIZAÇÃO



Esse projeto foi realizado com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte. Projeto nº 1960/2023

INCENTIVO



BELO HORIZONTE
PREFEITURA

